

Trajетória de recuperação da atividade industrial*

*Silvia Horst Campos***

A economia brasileira encontra-se em um franco processo de recuperação desde o final do ano passado, atingindo os setores de forma generalizada. A progressiva redução da taxa de juros, a melhoria nas condições de oferta de crédito, a diminuição do déficit comercial, a ocorrência de menores índices de inflação e um ambiente de menor incerteza econômica contribuem para proporcionar um caráter relativamente sustentável à expansão. Particularmente, a recuperação da atividade industrial, centrada nos setores da metal-mecânica, vem sendo estimulada pelo aquecimento do mercado interno e pela retomada das vendas ao Exterior, principalmente às economias latino-americanas, com destaque para México e Argentina.

Este texto busca analisar o comportamento da atividade industrial brasileira e gaúcha no primeiro quadrimestre do ano. A análise contemplará as categorias de uso e os principais gêneros industriais, com ênfase nos fatores que vêm determinando a recuperação da atividade fabril nos últimos meses.

Indústria brasileira: recuperação em marcha

No primeiro quadrimestre do ano, a indústria brasileira (transformação e extrativa mineral) apresentou uma expansão da produção industrial acumulada de 2,2% em relação aos quatro últimos meses de 1999, na série dessazonalizada dos índices de produção física industrial calculados pelo IBGE. Quando compa-

* O texto foi elaborado com informações disponíveis até 28.06.00.

** Economista, Técnica da FEE e Professora da PUCRS.

A autora agradece aos colegas Maria Lucrécia Calandro e Rubens Soares de Lima pelos comentários e sugestões à versão preliminar do texto, bem como pelo apoio técnico do estagiário André Grudzinski.

rado ao primeiro quadrimestre de 1999, esse resultado é ainda mais expressivo, 6,6%, embora deva ser alertada a fragilidade da base de comparação, tendo em vista os efeitos das medidas de política econômica restritivas adotadas no ano anterior em razão da crise russa, o impacto inicialmente desfavorável da desvalorização cambial sobre o nível de atividade e o número menor de dias úteis do período.

Apesar do efeito estatístico decorrente da base de comparação, a recuperação do setor fabril foi maior do que se poderia esperar, colaborando para a geração de um suave crescimento do PIB industrial brasileiro no primeiro trimestre de 2000. A taxa positiva de 3,08% na comparação com os três primeiros meses de 1999 e de 1,23% sobre o último trimestre daquele ano, considerando a série com ajuste sazonal, confere ao primeiro trimestre de 2000 o melhor desempenho desde o período pré-crise asiática.¹ O aumento do PIB foi principalmente influenciado pelo crescimento de 5,69% na indústria geral e de 7,61% na indústria de transformação.

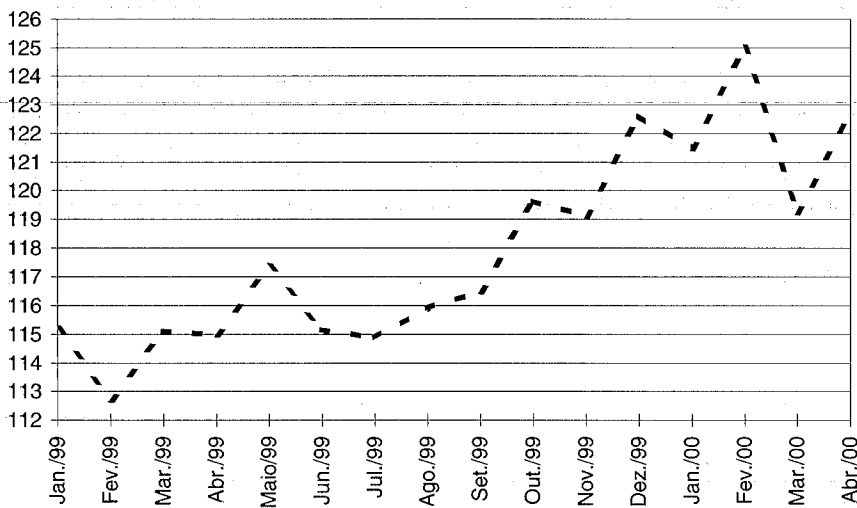
O bom desempenho industrial do primeiro quadrimestre reforça a continuidade da trajetória de recuperação da atividade industrial brasileira, alternando taxas mensais positivas e negativas, iniciada no segundo semestre de 1999, mais precisamente no mês de agosto, identificada em Calandro e Campos (2000), e que atingiu o seu pico em fevereiro de 2000², conforme pode ser observado na série livre de influências sazonais apresentada no Gráfico 1. E, embora os índices de março e de abril não tenham reprisado a excelente marca de fevereiro, não se pode dizer que o ritmo de crescimento da produção industrial esteja apresentando claros sinais de arrefecimento. Uma posição mais conclusiva a respeito deverá ser possibilitada com as informações referentes aos meses de maio e junho. De qualquer sorte, apesar das variações ocorridas ao longo do primeiro quadrimestre, com o índice negativo de março de certa forma compensando o resultado extraordinário do mês anterior, e o de abril praticamente recolocando a produção nos níveis do mês de janeiro, é visível a diferença de patamar em favor dos resultados do primeiro quadrimestre de 2000, quando comparado com o mesmo período do ano anterior.

¹ No segundo trimestre de 1997, o PIB brasileiro cresceu 7,67%, segundo o IBGE.

² O índice de fevereiro de 2000 ultrapassou, inclusive, o pico histórico atingido antes da crise asiática em 1997, considerando a série dessazonalizada da produção industrial calculada pelo IBGE.

Gráfico 1

Evolução mensal do índice da produção física da indústria geral brasileira — jan./99-abr./00



FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2000). [on-line]. Disponível na Internet via [WWW.URL:http://www.sidra.ibge.gov.br/](http://www.sidra.ibge.gov.br/) Arquivo capturado em 06 de jun.

NOTA: Série com ajustamento sazonal; os índices têm como base a média de 1991 = 100, com ponderação pelo **Censo Industrial de 1985**.

De modo geral, a recuperação da atividade vem sendo creditada à recomposição da demanda doméstica facilitada pela maior oferta de crédito, à ampliação do investimento e, principalmente, à recuperação das exportações. Trata-se, dessa forma, de um perfil de crescimento diferente daquele que se seguiu à implementação do Plano Real³. Agora são primordialmente as exportações que puxam a indústria e estimulam um maior volume de emprego num segundo momento, criando um ambiente que favorece a expansão dos gastos privados, estimulados pelo crédito e pela maior confiança no futuro. Além disso, há o processamento de uma safra agrícola maior do que a registrada em 1999.

³ Após a implementação do Plano Real, o crescimento foi inicialmente liderado pelo gasto doméstico, impulsionado pela explosão do crédito, pelo salto do salário real e pela expansão dos gastos públicos. Esses fatores produziram uma forte expansão da demanda interna, que puxou a indústria e o emprego (Minist. Faz., 2000a).

Existem vários fatores que vêm influenciando positivamente a demanda interna, mas os principais parecem ser: (a) a política monetária, pautada primeiro pela manutenção da taxa de juros em 19% e depois pela sua redução para 18,5%, assim como a diminuição da alíquota do recolhimento compulsório dos bancos junto ao Banco Central, significando um barateamento dos empréstimos ao setor privado; (b) o desempenho fiscal mais favorável, representado por um superávit primário no período; e (c) a observação de menores índices de inflação, associados a um ambiente de menor incerteza econômica e de maior confiabilidade. Especificamente com relação aos empréstimos dos bancos às pessoas físicas e jurídicas, somente no mês de abril o saldo médio mensal de operações de crédito registrou um acréscimo de cerca de 50% (Camargo, 2000).

Essa melhora das condições de crédito e do clima de confiança também se refletiu nos investimentos, que cresceram 3,5% no primeiro trimestre de 2000, acumulando 6,5% de crescimento desde setembro de 1999, em termos dessazonalizados. Em consequência, a taxa de investimento brasileira (a preços de 1990) elevou-se para 19,3% do PIB, 0,5 ponto percentual superior à do trimestre anterior (B. Conj. IPEA, 2000), sobretudo em decorrência do crescimento na produção de bens de capital.

Com relação às exportações, tem-se uma performance particularmente positiva das vendas externas de produtos manufaturados, estimuladas pela desvalorização cambial e pelos ganhos de produtividade do setor industrial, que estão promovendo um salto de qualidade. O desempenho é particularmente vigoroso nos setores com maior conteúdo tecnológico, menos dependentes da evolução dos preços das *commodities*, tais como aviões, automóveis e aparelhos de telecomunicações. A expansão na exportação de manufaturados foi de 23,5%, considerando os primeiros cinco meses de 2000 em comparação com igual período de 1999. Esse desempenho tão favorável vem compensando o acréscimo nos gastos com importações de combustíveis e bens intermediários, particularmente estes últimos como parte de um processo de substituição de importações decorrente da própria retomada do crescimento da indústria (Minist. Faz., 2000a).

O movimento de recuperação da indústria geral, que pode ser visualizado no Gráfico 1, reflete um aumento na produção, em termos dessazonalizados, da maioria das categorias de uso. Apenas a produção de bens de consumo semiduráveis e não duráveis demonstraram uma relativa estagnação, provavelmente devido ao aumento das taxas de desemprego e da diminuição/estagnação do emprego industrial e da massa salarial que se fizeram presentes ao longo de grande parte do período considerado. Assim, tendo como base a série com ajustamento sazonal, essa categoria chegou em abril de 2000 com um crescimento de apenas 0,5% sobre o mês de agosto de 1999, que marcou a retomada do crescimento da produção industrial.

Especificamente com relação ao primeiro quadrimestre de 2000, as taxas de crescimento com relação ao mês imediatamente anterior das categorias de uso apresentam um comportamento relativamente uniforme. Como pode ser constatado na Tabela 1, após um breve recuo na produção em janeiro (com exceção de bens de consumo duráveis e bens de consumo como um todo), todas as categorias de uso, exceto bens intermediários, apresentaram um pico de produção em fevereiro, um recuo acentuado no mês de março e uma retomada moderada em abril.

Tabela 1

Taxas de crescimento da produção física industrial mensal e acumulada, por categorias de uso, no Brasil — jan.-abr./00

CATEGORIAS DE USO	MÊS A MÊS (1)				ACUMULADO NO ANO ATÉ ABRIL (2)	ACUMULADO DE 12 MESES ATÉ ABRIL (3)
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril		
Bens de capital	-2,6	7,4	-8,6	4,3	6,0	-3,3
Bens intermediários	-1,4	1,0	-1,4	1,3	7,9	4,6
Bens de consumo ..	0,8	6,7	-10,1	5,1	3,5	-0,5
Duráveis	3,6	16,8	-18,6	9,7	19,7	1,3
Semiduráveis e não duráveis	-0,5	3,5	-6,6	2,9	-0,3	-0,9
Indústria geral	-0,9	2,9	-4,6	2,9	6,6	2,4
Indústria de transformação	-0,1	3,6	-5,6	3,3	6,6	1,9

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2000). [on line]. Disponível na Internet via [WWW.URL:http://www.ibge.org/informações/estatmain.htm](http://www.ibge.org/informações/estatmain.htm) Arquivo capturado em 6 de jun.

(1) Série com ajustamento sazonal; os dados têm como base o mês anterior = 100. (2) Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100. (3) Os dados têm como base os últimos 12 meses anteriores = 100.

Em termos da variação acumulada no quadrimestre, o melhor desempenho ficou com a indústria de bens de consumo duráveis, com uma expansão de 19,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse setor, conforme informa o IBGE, vem se beneficiando da boa performance de material de transporte (16,9%), em especial da indústria automobilística (24,0%), e de material elétrico e de comunicações (7,0%), em particular o subsetor de aparelhos eletrodomésticos e eletroeletrônicos (20,1%), que representam uma parcela importante dessa indústria.

As informações divulgadas pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) apontam crescimento generalizado na produção (24,9%) e na comercialização (16,3% no mercado interno e 54,9% no mercado externo) de autoveículos nos primeiros cinco meses de 2000, embora, em momento algum, tenham sido recuperados os níveis do mesmo período em 1998 (Carta da Anfavea, 2000a). A maior contribuição para a recuperação da atividade dessa indústria deve ser atribuída ao setor externo, através da ampliação de mercados já existentes e da abertura de outros, principalmente no âmbito da ALADI, uma vez que o aumento das exportações e a redução das importações explicam 61% do crescimento da produção (Minist. Faz., 2000).

A produção de maio de 2000 foi recorde nos últimos 23 meses, superada apenas pelo resultado de junho de 1998. As 14 montadoras de veículos existentes no Brasil produziram 150.172 unidades, somando cerca de 650 mil veículos nos primeiros cinco meses do ano. A previsão das montadoras para o trimestre junho-agosto é de uma média de 156 mil unidades por mês, passando a utilizar entre 65% e 70% de sua capacidade instalada. A continuar nesse ritmo, é provável, segundo a Anfavea, que o setor venha a ultrapassar a produção de 1.585,6 mil veículos produzidos em 1998 (Mattos, 2000). Isto, entretanto, apenas se as vendas, principalmente as exportações, mantiverem o ritmo de crescimento demonstrado a partir de março. Porém, em termos do panorama da indústria brasileira, é preciso levar em consideração os efeitos da entrada no mercado das novas fábricas de três das quatro montadoras que aproveitaram o final do regime automotivo brasileiro⁴ para instalar-se no Brasil, as quais produzirão mais 250 mil veículos por ano e que começarão a ser comercializados ao longo do segundo semestre deste ano. Parece certo que essas unidades terão de direcionar seus esforços de vendas para o mercado externo, abrindo novos mercados ou ampliando os já existentes, embora o maior atrativo para a sua vinda para o Brasil tenha sido o tamanho e as perspectivas otimistas do mercado interno no pós-Real, além da relação de 9,4 habitantes por veículos, que só é inferior à de outros países do Mercosul, tais como Argentina (5,7) e Uruguai (5,6) (Montadora..., 2000).

Ainda no que se refere aos bens de consumo duráveis, destaca-se o desempenho da produção de eletrodomésticos, em todos os seus subsetores, cuja recuperação guarda estreita relação com a evolução ascendente das ven-

⁴ Instituído em 1993, o regime automotivo brasileiro concedia, dentre outros aspectos, uma redução das alíquotas de importação de veículos, peças e componentes, além de outros benefícios fiscais, para aquelas montadoras que se instalassem no País até 1997.

das a crédito. Com efeito, os indicadores sobre o faturamento real do comércio varejista nas grandes regiões metropolitanas apontam um crescimento expressivo na venda desses produtos neste ano, refletindo a diminuição da taxa de juros, o aumento de empréstimos e a diminuição dos níveis de inadimplência. Especificamente com relação a produtos eletroeletrônicos de uso doméstico, segundo levantamento efetuado pela Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos (Eletros), após uma retração de 30% em 1999, as vendas de produtos das linhas de imagem e som registraram crescimento de 28% no primeiro quadrimestre de 2000 em comparação a igual período do ano passado (Setor..., 2000). Da mesma forma, foi crescente o dinamismo dos segmentos telecomunicações e informática.⁵

Bens intermediários e bens de capital também apresentaram bom desempenho segundo o indicador acumulado do quadrimestre, embora, na comparação mês a mês, o comportamento dos índices tenha sido bastante diferente em termos de magnitude das variações, conforme pode ser observado na Tabela 1. Ainda é importante salientar que ambos os segmentos vêm sendo afetados pelo processo de substituição de importados e pelo aumento dos índices de nacionalização de veículos leves, caminhões e máquinas agrícolas automotrizes, anunciados por algumas montadoras (International..., 2000; Salgueiro, 2000).

A produção de bens intermediários destaca-se pelas variações pouco expressivas ocorridas ao longo do quadrimestre, evidenciando a pouca relação direta que possui com as condições de oferta de crédito, número de dias úteis, etc., em parte por concentrar processos contínuos de produção, tais como extração de petróleo, siderurgia e petroquímica. Também foi uma das duas categorias de uso que apresentaram crescimento, considerando-se o indicador acumulado de 12 meses (4,6%),⁶ conforme pode ser constatado na Tabela 1. Reflete, além da revitalização da exportação de bens manufaturados, as necessidades de insumos, em razão do processo de substituição de importações que se instalou devido à nova realidade cambial, e, até certo ponto, "(...) os ajustes estruturais efetuados pelo setor produtivo (reforçados pelo programa de privatização) que tornaram a produção brasileira mais dependente das importações" (Lanzana, 2000, p. 10).

⁵ Conforme o **Boletim de Acompanhamento do Ministério da Fazenda** de abril de 2000, foram exportados 899.407 aparelhos celulares no primeiro bimestre de 2000, representando um acréscimo de 1.568% em relação a igual período de 1999.

⁶ A categoria de bens intermediários foi a única que apresentou uma taxa de crescimento positiva em 1999 na comparação com o ano de 1998 (1,8%).

Conforme o IBGE, no acumulado janeiro-abril, a produção de bens intermediários teve seu crescimento sustentado, sobretudo, pelo desempenho favorável da fabricação de peças e acessórios para bens de capital (30,9%), peças e acessórios para equipamentos de transporte individual (13,4%), alimentação e bebidas básicas para a indústria (12,6%) e insumos industriais elaborados (7,34%). As influências negativas deveram-se à alimentação e bebidas elaboradas para a indústria (-7,0%) e aos insumos industriais básicos (-3,2%). Em termos dos gêneros industriais que respondem total ou parcialmente pela produção de bens intermediários, destacam-se borracha (14,2%), mecânica (12,3%), têxtil (10,3%) e metalúrgica (9,7%) em termos positivos; e farmacêutica (-7,9%) e produtos de matérias plásticas (-5,6%) em termos negativos.

No caso da indústria de bens de capital, a evolução recente sinaliza, conforme o IBGE, o aumento do investimento que vem ocorrendo na economia brasileira. No quadrimestre, a taxa de crescimento acumulada de 6,0% pode ser basicamente atribuída à fabricação de equipamentos de transporte industrial (13,9%) e de máquinas e equipamentos para uso industrial (19,4%). Já o segmento de bens de capital para a agricultura vem contribuindo no sentido de arrefecer o ritmo de crescimento do segmento. As informações divulgadas pela Anfavea (Carta Anfavea, 2000) apontam uma variação negativa na produção (-0,8%) e nas vendas (-5,7%) de máquinas agrícolas automotrizes nos primeiros cinco meses do ano em comparação com igual período do ano passado. Tratores de rodas e colheitadeiras foram os principais produtos responsáveis por esse comportamento, mas, por outro lado, começaram a puxar a sua recuperação, pois, com a liberação das novas linhas de financiamento da Finame no âmbito do Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras (Resolução nº 002748, de 24.02.00, do Bacen), em vigor desde o final de março, prognostica-se um aquecimento do mercado para o segundo semestre.

De um modo geral, a indústria doméstica de bens seriados, fornecedora de máquinas e equipamentos para os segmentos têxtil, alimentos, calçados, gráfica e mecânica, experimenta expressivo impulso dado pelos investimentos em renovação do parque de máquinas das empresas mais propensas à exportação, após a desvalorização cambial. Também é um setor que vem sendo muito demandado em função do processo de substituição de importados e devido ao aumento dos índices de nacionalização de produtos e adaptação de projetos industriais das empresas em instalação ou em expansão no País. Do lado da infra-estrutura, os setores mais dinâmicos são os de energia elétrica, transportes, telecomunicações e petróleo, em razão dos recentes processos de privatização e desregulamentação no Brasil (Minist. Faz., 2000).

Um outro aspecto que precisa ser considerado no que se refere a bens de capital é a sua dependência com relação à existência e às condições de financiamento. Nesse sentido, além das linhas já existentes, o ano 2000 vem se caracterizando pelo incremento do crédito colocado à disposição das micro, pequenas e médias empresas por instituições como o BNDES, o Sebrae, a Finep, o BID e os bancos regionais de desenvolvimento.⁷

Ainda considerando o desempenho no primeiro quadrimestre de 2000, o único a acumular perdas (-0,3%) foi o segmento produtor de bens semiduráveis e não duráveis de consumo. O crescimento da oferta desses produtos vem sendo parcialmente limitado pela contenção da massa salarial real, embora a perspectiva seja de que melhores condições de emprego do mercado de trabalho e o aumento do salário mínimo e os reajustes salariais que o seguirem acabem por favorecer a renda dos trabalhadores. Segundo o Ministério da Fazenda (2000a), já estaria ocorrendo um aumento da massa salarial real no País, porém ainda sem atingir os índices de dezembro de 1998.

Dentre os ramos que compõem esse segmento, destaca-se a produção de vestuário e calçados e alimentação e bebidas elaboradas para consumo doméstico, tais como suco e concentrado de laranja e aves abatidas, os quais apresentaram evolução acima da média. No corte por gêneros industriais, conforme o IBGE, o destaque é para vestuário, calçados e artefatos de tecidos, que cresceu 7,7% no indicador acumulado do quadrimestre, além de bebidas, com um aumento de 3,6%. O gênero fumo mostrou uma performance extremamente negativa, -17,6%, a pior taxa de crescimento dentre todos os gêneros industriais pesquisados pelo IBGE.

No caso específico do gênero produtos alimentares, o aumento observado na produção física não parece estar refletindo uma situação favorável para os fabricantes do setor. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Alimentação (Abia), houve uma redução de 0,93% nas vendas em termos reais, provavelmente em decorrência da opção por produtos de preços cada vez menores. Conforme o Presidente da Abia, "(...) a indústria não tem força para impor reajustes de preços ao varejo cada vez mais concentrado, e o consumidor, com a renda reduzida, opta por produtos de valor ainda mais reduzido" (Venda..., 2000, p.A-4).

⁷ O volume destinado às pequenas e microempresas deverá ser recorde em 2000, podendo superar R\$ 14 bilhões, o maior montante desde a implantação do Plano Real. A maior parte desses recursos serão repassados no âmbito do programa Brasil Empreendedor: R\$ 8 bilhões; a Finep entrará com mais R\$ 400 milhões; o BNDES estima desembolsar mais de R\$ 2,75 bilhões em várias linhas de financiamento; e o BID deverá destinar R\$ 3,7 bilhões (Thompson, 2000). O BRDE, por sua vez, tem a expectativa de financiar R\$ 2,7 milhões para quem fatura até R\$ 700 mil.

Um fator de preocupação quanto à atividade industrial refere-se ao comportamento da utilização da capacidade instalada, que se elevou para 83% em média, de acordo com os dados da Sondagem Industrial promovida pela Fundação Getúlio Vargas, no início de abril de 2000. O aspecto preocupante está relacionado à ocorrência de um certo esgotamento da ociosidade, especialmente em segmentos produtores de bens intermediários, alguns dos quais, como celulose, papel e papelão, já se encontram trabalhando com níveis de ocupação superiores a 90%.

A questão do esgotamento da capacidade de produção e os seus efeitos para a economia brasileira, contudo, devem ser analisados com cuidado. Por um lado, a impossibilidade de um aumento imediato da produção pode constituir-se em uma ameaça à estabilidade da economia do País, pois induz um aumento da importação, o que pode pressionar os preços internos. De outro, entretanto, pode estimular os planos de investimentos para expansão da capacidade, com efeitos benéficos de mais longo prazo.

A forte recuperação da indústria gaúcha

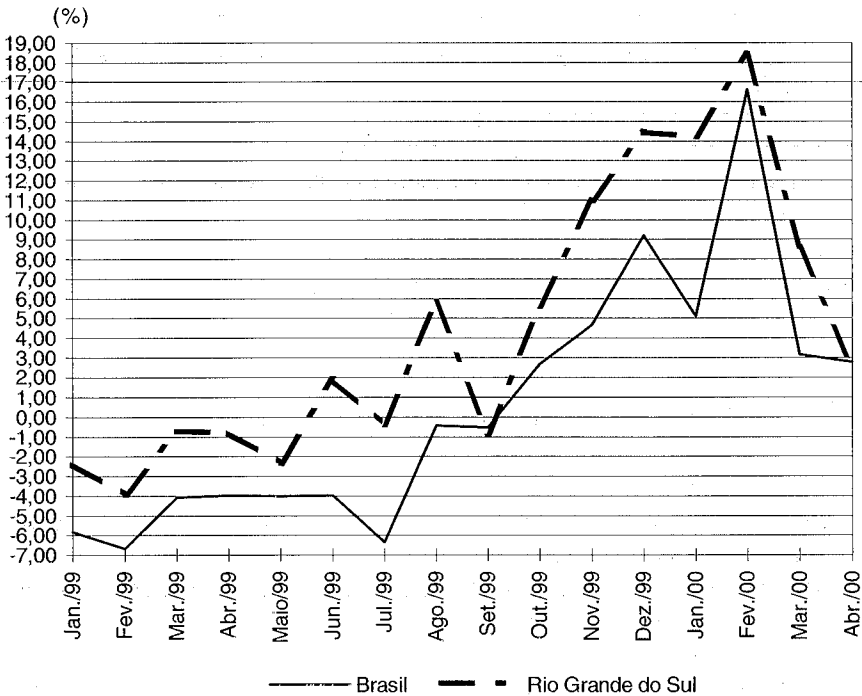
Assim como acontece na indústria brasileira, a indústria gaúcha também apresenta uma trajetória de recuperação nos últimos meses. As estimativas do crescimento do PIB industrial no Rio Grande do Sul, realizadas pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), mostraram excelentes resultados no primeiro trimestre de 2000: 17,9% para a indústria extrativa mineral e 11,5% para a indústria de transformação, esta última, o segmento preponderante do setor industrial, também cresceu 11,5%, sempre em relação ao primeiro trimestre de 1999. Em comparação com o desempenho do PIB industrial brasileiro nesse mesmo trimestre — 5,69% na indústria geral e 7,61% na indústria de transformação —, a indústria gaúcha sobressai-se favoravelmente, dando continuidade a uma trajetória ascendente iniciada já no último trimestre de 1999, determinando uma taxa positiva de 2,1% para a indústria gaúcha naquele ano.

Essa melhor performance regional também pode ser percebida através da comparação das taxas de crescimento mensal da produção física da indústria de transformação no Brasil e no Rio Grande do Sul, apresentada no Gráfico 2.⁸

⁸ A escolha dos índices referentes à indústria de transformação para a comparação justificou-se pelo fato de que a indústria extrativa mineral, que altera o índice geral em termos de Brasil, é insignificante em termos da indústria gaúcha.

Gráfico 2

Taxas de crescimento mensal da produção física da indústria de transformação no Brasil e no Rio Grande do Sul — jan./99-abr./00



FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2000). [on-line]. Disponível na Internet via [WWW.URL:http://www.sidra.ibge.gov.br/](http://www.sidra.ibge.gov.br/) Arquivo capturado em 06 de jun.

NOTA: Os percentuais refletem a variação do mês em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Após apresentar taxas predominantemente negativas ao longo do primeiro semestre de 1999, tanto a indústria de transformação brasileira quanto a gaúcha, em termos da comparação em bases mensais, passaram a demonstrar resultados positivos a partir de outubro até abril deste ano, último dado disponível para utilização na presente análise. É importante lembrar, entretanto, que as melhores taxas de crescimento mensal, especialmente as referentes ao final de

1999 e início de 2000, refletem o mau desempenho dos mesmos períodos no ano anterior, o que criou uma base de comparação relativamente fraca.

Uma última observação com base no Gráfico 2 revela que, em linhas gerais, as trajetórias de crescimento de ambas as indústrias são semelhantes, embora o ritmo diferenciado conduza a percentuais de magnitudes diferentes. Essa situação pode ser particularmente visualizada de agosto para setembro de 1999, de dezembro de 1999 para janeiro de 2000 e de março para abril deste último ano.

A comparação do desempenho da indústria gaúcha com o dos demais estados brasileiros pesquisados pelo IBGE também evidencia os aspectos positivos de sua performance (Tabela 2).

Tabela 2

Indicadores conjunturais da indústria por estados pesquisados — abr./00

DISCRIMINAÇÃO	TAXA DE VARIAÇÃO (%)		
	Mensal (1)	Acumulado Jan.-Abr. (2)	Acumulado de 12 Meses (3)
Ceará	5,3	9,6	5,9
Pernambuco	-4,2	-8,4	-4,0
Bahia	2,9	-0,5	-0,8
Minas Gerais	4,2	11,1	6,5
Espírito Santo	5,3	8,5	10,5
Rio de Janeiro	2,1	3,1	4,0
São Paulo	3,5	8,1	0,7
Paraná	-9,7	-5,6	-2,9
Santa Catarina	3,8	5,0	3,1
Rio Grande do Sul	2,5	10,2	6,0
BRASIL	3,3	6,6	2,4

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2000). [on-line]. Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.ibge.org/informações/estatmain.htm> Arquivo capturado em 14 de jun.

(1) Os dados têm como base igual mês do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100. (3) Os dados têm como base os últimos 12 meses anteriores = 100.

Embora os índices relativos ao mês de abril não sejam assim tão favoráveis para o Rio Grande do Sul, os resultados referentes ao acumulado janeiro-abril mostram uma situação bastante confortável. As melhores performances foram obtidas pelas indústrias de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Ceará, nessa ordem, situando-se bem acima da média nacional de 6,6%. No caso específico do Rio Grande do Sul, que obteve o segundo melhor resultado, as

contribuições positivas mais importantes foram dadas por química (26,6%) e material de transporte (26,4%).

Já a taxa de crescimento anualizada, representada pelo indicador acumulado nos últimos 12 meses, aponta a liderança da indústria do Espírito Santo (10,5%), ainda que o IBGE sinalize uma leve diminuição no ritmo de crescimento da mesma, fruto da perda de dinamismo da indústria extrativa mineral, que responde por parcela expressiva do valor agregado na indústria daquele estado. A indústria dos demais estados acumula taxas mais modestas, as quais, contudo, indicam crescimento, se comparadas com as relativas aos meses anteriores. Apenas Pernambuco, Paraná e Bahia registraram decréscimo de produção com base no indicador acumulado nos últimos 12 meses.

De modo geral, pode-se dizer que as diferenças nas taxas de variação, considerando os três tipos de indicadores calculados pelo IBGE, refletem as características das estruturas industriais dos estados pesquisados, tanto em termos dos gêneros industriais predominantes como em função da composição dos mesmos. Enquanto, por exemplo, o mesmo gênero química influenciou negativamente a taxa global na Bahia devido à queda da produção de óleo diesel e de óleo combustível, a da indústria gaúcha foi afetada positivamente em virtude dos acréscimos na produção de eleno, polietileno e nafta.

O comportamento relativamente expansionista da indústria do Rio Grande do Sul em 1999 e em 2000 pode ser comprovado pela evolução do indicador acumulado de 12 meses. Conforme pode ser constatado na Tabela 3, a trajetória das taxas anualizadas calculadas com base nesse indicador é ascendente, sendo que passaram a ser positivas e crescentes a partir de novembro de 1999, acompanhando o bom desempenho das taxas mensais (comparação mensal com o mesmo mês do ano anterior). Essa recuperação da indústria gaúcha, tal como em nível nacional, vem sendo alavancada pelo desempenho dos setores exportadores, refletindo os efeitos da desvalorização cambial ocorrida no início de 1999, a lenta retomada dos preços internacionais das *commodities*, o processo de recuperação das economias européia e asiática e a abertura de novos mercados, como já foi enunciado em Calandro e Campos (2000). O dinamismo dos setores exportadores é particularmente relevante, pois, de acordo com o informado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS) (Indústria..., 2000), cerca de 22% da produção estadual é exportada, correspondendo a 11% das vendas brasileiras ao Exterior.

Confirma-se, assim, a previsão efetuada em análises anteriores (Passos, Lima, 1999; Calandro, Campos, 2000) de que se delineava um quadro de recuperação sustentada do nível de atividade na indústria do Rio Grande do Sul. É preciso ter presente, todavia, que as taxas mensais de crescimento deverão situar-se em níveis menores, à medida que a base de comparação começar a

se recuperar. Em conseqüência, as taxas anualizadas também poderão diminuir, embora o prognóstico para a indústria brasileira seja de taxas de crescimento da produção física e do Produto industrial superiores às verificadas em 1999.

Tabela 3

Taxas acumuladas de crescimento da produção física da indústria do Rio Grande do Sul — jan./99-abr./00

(%)

ANOS E MESES	MENSAL (1)	ACUMULADO DE 12 MESES ATÉ ABR/00 (2)
1999		
Janeiro	-2,37	-3,02
Fevereiro	-3,90	-3,35
Março	-0,72	-4,00
Abril	-0,78	-3,26
Maió	-2,33	-3,29
Junho	1,93	-2,87
Julho	-0,41	-2,29
Agosto	5,82	-1,46
Setembro	-0,90	-1,44
Outubro.....	5,60	-0,50
Novembro	11,01	0,78
Dezembro	14,44	2,11
2000		
Janeiro	14,25	3,22
Fevereiro	18,42	4,81
Março	8,61	5,68
Abril	2,45	5,98

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2000). [on-line]. Disponível na Internet via WWW.URL:<http://www.sidra.ibge.gov.br> Arquivo capturado em 14 de jun.

(1) Os dados têm como base igual mês do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base os últimos 12 meses anteriores = 100.

Outros indicadores também apontam para a recuperação da indústria de transformação no Rio Grande do Sul. O Índice de Desempenho Industrial (IDI-RS), calculado pela FIERGS, cresceu 12,4% no acumulado janeiro-abril em comparação com o mesmo período do ano anterior e 12,7% no acumulado dos primeiros cinco meses do ano. Particularmente importante foi a performance do IDI de maio em relação ao de abril, que registrou um aumento de 2%, um resul-

tado positivo após dois meses consecutivos de queda (-4,4% em março e -1,9% em abril) (Indústria..., 2000).

Da mesma forma, são alentadoras as informações disponíveis acerca do nível médio de ocupação da capacidade instalada na indústria gaúcha, que se situou em 83,6% no primeiro quadrimestre de 2000. Esse indicador, também gerado pela FIERGS, aponta os setores produtos alimentares, calçados, química e vestuário como aqueles operando com 90% de sua capacidade instalada de produção. Também são positivos os dados referentes ao emprego industrial, e tanto o IBGE quanto a FIERGS informaram crescimento no nível de ocupação da indústria no período em análise. O Índice Conjuntural de Emprego (ICEI), por exemplo, indicou uma expansão de 3,2% no nível de emprego da indústria gaúcha no período analisado, com a criação 15,9 mil novos postos de trabalho (Indústria..., 2000).

O desempenho segundo os gêneros industriais

O bom desempenho da indústria gaúcha no primeiro quadrimestre de 2000 resultou dos avanços em 12 dos 18 gêneros industriais pesquisados pelo IBGE. Deve-se salientar, entretanto, que a evolução do indicador mensal (comparação do mês com o mesmo mês do ano anterior) não foi uniforme ao longo do período, mostrando uma relativa perda de ímpeto nos meses de março e abril. Com efeito, conforme pode ser observado na Tabela 4, após taxas de 14,13% e 18,36% em janeiro e fevereiro, o mês de março registrou um crescimento de 8,55%, e o de abril, de apenas 2,45%. Na verdade, é apenas esta última taxa que pode ser preocupante, uma vez que já não impacta uma base de comparação deprimida como a dos meses anteriores. Tal como em nível de Brasil, entretanto, é necessário aguardar os resultados de maio e junho para identificar realmente a direção futura do desempenho da indústria gaúcha.

Considerando-se a taxa acumulada do quadrimestre, os resultados positivos que se situaram acima da média de 10,14% foram, pela ordem, química, material de transporte, perfumaria, sabões e velas; têxtil; material elétrico e de comunicações, borracha; e mobiliário. Os que registraram taxas de crescimento abaixo da média, mas também positivas, foram metalúrgica; mecânica; produtos alimentares; minerais não-metálicos; e produtos de matérias plásticas. As contribuições negativas para a formação da taxa global de crescimento da indústria gaúcha no período de janeiro a abril de 2000 foram dadas pelos gêneros fumo; couros e peles; bebidas; madeira; papel e papelão; e vestuário, calçados e artefatos de tecidos.

Tabela 4

Taxas de crescimento da produção industrial, por classes e gêneros de indústria, no Rio Grande do Sul — jan.-abr./00

CLASSES E GÊNEROS	MENSAL (1)				ACUMULADO NO ANO (2)		ACUMULADO DOS ÚLTIMOS 12 MESES ATÉ ABRIL/00 (3)
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Até Dez./99	Até Abr./00	
	%						
Indústria geral	14,25	18,42	8,61	2,45	2,08	10,20	5,98
Indústria extrativa mi- neral	44,84	32,41	25,48	-0,02	18,94	24,39	20,15
Indústria de transfor- mação	14,13	18,36	8,55	2,45	2,03	10,14	5,93
Minerais não-metálicos	4,76	2,20	3,88	0,27	0,10	2,67	-1,38
Metalúrgica	19,02	13,39	5,38	3,88	9,85	9,58	12,18
Mecânica	6,03	15,45	6,49	-4,40	-12,31	5,81	-5,98
Material elétrico e de comunicações	19,43	30,57	28,53	11,99	2,71	22,37	8,33
Material de transporte ..	30,38	26,06	25,50	24,68	-6,77	26,37	1,63
Madeira	27,00	-9,86	-9,27	-6,79	3,78	-1,34	1,87
Mobiliário	10,79	40,68	-6,75	13,56	-7,79	12,93	-0,69
Papel e papelão	3,32	9,95	-17,03	4,25	2,42	-0,12	0,13
Borracha	27,93	42,10	11,64	1,71	13,18	19,09	14,02
Couros e peles	1,14	3,46	-3,56	-12,83	-5,33	-3,46	-1,75
Química	33,22	26,64	20,62	26,39	5,68	26,56	13,86
Perfumaria, sabões e velas	31,07	52,80	15,08	3,79	19,54	23,38	25,83
Produtos de matérias plásticas	6,84	22,47	-9,13	-10,90	11,58	0,69	5,75
Têxtil	24,84	34,83	22,24	11,28	6,92	22,59	18,65
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	-3,84	24,72	-1,95	-12,02	0,11	-0,04	0,82
Produtos alimentares ...	4,48	17,06	5,02	-2,43	0,89	5,33	3,35
Bebidas	0,36	-9,67	40,18	-24,18	28,58	-1,45	8,26
Fumo	-73,38	-30,56	-10,97	-8,72	25,92	-15,06	22,49

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (2000) [on-line]. Disponível na Internet via [WWW.URL:http://www.sidra.ibge.gov.br/](http://www.sidra.ibge.gov.br/) Arquivo capturado em 14 de jun.

(1) Os dados têm como base igual mês do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100. (3) Os dados têm como base os últimos 12 meses anteriores = 100.

A recuperação detectada em termos do primeiro quadrimestre do ano vem repercutindo favoravelmente no indicador acumulado dos últimos 12 meses. A maioria dos gêneros melhorou sua performance na taxa anualizada após dezembro de 1999, conforme pode ser constatado na Tabela 4, sinalizando uma trajetória expansiva para a indústria de transformação gaúcha. Destacaram-se, nessa comparação, com melhoras superiores a cinco pontos percentuais e por

serem mais representativos na estrutura industrial do Estado, os gêneros mecânica, mobiliário e química. Por sua vez, com base no mesmo critério, em termos dos maiores recuos na produção, o destaque ficou com bebidas.

A análise que segue será centrada na variação acumulada do primeiro quadrimestre dos principais gêneros industriais, mas as taxas mensais também serão examinadas sempre que isso se mostrar necessário para explicar o resultado do indicador acumulado.

Química (26,56%), material de transporte (26,37%), mobiliário (12,93%), metalúrgica (9,58%), mecânica (5,81%) e produtos alimentares (5,33%) foram os gêneros que mais fortemente influenciaram o aumento de 10,20% da taxa geral. Mas também se sobressaem as taxas de crescimento de perfumaria, sabões e velas; têxtil, material elétrico e de comunicações, e borracha, gêneros que possuem peso reduzido na estrutura do valor adicionado da indústria de transformação e que causam pequeno impacto na formação da taxa geral. Os impactos negativos foram bem menos expressivos, concentrando-se em fumo (-15,06%) e bebidas (-1,45%), ambos respondendo por cerca de 7% do valor agregado da indústria de transformação no Rio Grande do Sul. Mas deve ser considerado, também, o desempenho de vestuário, calçados e artefatos de tecidos e couros e peles, com menor peso na estrutura industrial, porém importantes por participarem de uma cadeia produtiva representativa na economia do Estado.

Como já foi salientado anteriormente, parcela significativa do bom resultado obtido pela indústria de transformação gaúcha no primeiro quadrimestre de 2000 reflete a evolução favorável das vendas ao mercado externo. De fato, conforme dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex), essas vendas cresceram 20,01% com relação aos primeiros quatro meses de 1999 (US\$ 1.380,6 milhões contra US\$ 1.150,5 milhões), confirmando uma trajetória de crescimento iniciada em meados do ano passado. As maiores variações ocorreram nas exportações da indústria química e de plásticos, que quase dobraram no período. Em termos de valor, sobressaem-se as vendas de calçados, com US\$ 414,1 milhões, seguidas de fumo (US\$ 131,6 milhões) e mecânica (US\$ 125,3 milhões).

O bom desempenho das exportações do gênero química no primeiro quadrimestre de 2000 encontra respaldo no excelente resultado experimentado em nível de produção industrial, bem como na mudança de seu perfil. Trata-se de um setor que já respondeu por 15% do valor agregado da indústria por ocasião da implementação do Pólo Petroquímico de Triunfo no começo da década de 80, mas que, em 1998, participava com menos de 7%, conforme estimativas realizadas pelo Núcleo de Contabilidade Social da FEE. A ampliação da capacidade de produção da Companhia Petroquímica do Sul (Copesul) e da Refinaria

Alberto Pasqualini, a introdução de novos produtos na produção petroquímica e a realização de outros investimentos em plantas de segunda geração já em atividade vêm impulsionando o desempenho do setor, de modo que as taxas de crescimento mensais da produção física têm se posicionado entre as mais elevadas da indústria de transformação gaúcha a partir de outubro de 1999. No acumulado do quadrimestre, o IBGE destaca os impactos positivos dos avanços nas produções de nafta, eteno e polietileno para a composição do índice geral.

Ainda fazendo parte das indústrias de bens intermediários, destaca-se, positivamente, o desempenho de metalúrgica, borracha e segmentos de material elétrico e de comunicações, têxtil e mecânica. De um modo geral, pode-se constatar que, no Rio Grande do Sul, esses gêneros também vêm se beneficiando do movimento de substituição de importações de insumos, que se faz presente na indústria brasileira devido ao encarecimento de produtos importados, em razão da desvalorização do real frente ao dólar ou mesmo em decorrência do aquecimento da demanda interna, motivada pela expansão das exportações. Esse parece ser o caso da indústria de borracha, cuja expansão de 19,09% no quadrimestre vem sendo impulsionada pelo desempenho da indústria automotiva (particularmente autopeças e máquinas agrícolas) e calçadista.⁹ Também pode ser destacada a contribuição de mecânica no que se refere a peças e acessórios para bens de capital e para equipamentos de transporte industrial.

A segunda maior taxa positiva no acumulado jan.-abr./00 foi a obtida pelo gênero material de transporte, especialmente influenciado pelos acréscimos na produção de ônibus e reboques. Sobressai, aqui, o desempenho das montadoras de caminhões e ônibus e a fabricação de suas peças e componentes, que constituem uma forte cadeia produtiva no eixo Porto Alegre—Caxias do Sul. Essa performance acompanha o bom momento vivido pela indústria automobilística nacional, conforme já foi relatado anteriormente neste texto. Aliás, a recuperação dessa indústria nos primeiros meses do ano também pode ser constatada com base no indicador acumulado de 12 meses, pois a taxa de crescimento evoluiu de uma posição negativa (-6,37%) em dezembro de 1999 para uma positiva de 1,63% em abril de 2000.

Convém notar, entretanto, que mais do que na produção de caminhões e ônibus, o Rio Grande do Sul sobressai-se na fabricação de tratores, máquinas e

⁹ A borracha é um componente presente em vários setores industriais. Segundo o Sindicato das Indústrias de Artefatos de Borracha do RS (Sinborsul), o aquecimento da demanda interna influenciou diretamente o desempenho dessa indústria, principalmente a indústria automotiva, responsável por 50% do consumo dos artefatos de borracha produzidos no Estado, e a indústria calçadista, que responde por outros 40% (Artefatos..., 2000).

implementos agrícolas, que praticamente define os rumos do desempenho do gênero mecânica e se constitui em parcela importante da indústria de bens de capital no Estado. Ao longo do primeiro quadrimestre do ano, ocorreu uma paulatina recuperação da produção e da comercialização de máquinas e equipamentos agrícolas, o que repercutiu favoravelmente sobre a taxa de crescimento do gênero mecânica, que registrou uma expansão de 5,81% medida pelo indicador acumulado até abril. Essa evolução positiva paralelamente à expansão da produção e venda de autoveículos, reverteu o fraco desempenho dessa indústria em 1999, quando recuou 12,31% em relação ao ano de 1998, conforme pode ser constatado na Tabela 4. Fatores como a lenta retomada das cotações internacionais de *commodities* (em especial, soja em grãos), melhores condições de financiamento para compra de máquinas e implementos, maior oferta geral de crédito, expansão das exportações mediante incorporação de novos mercados e revitalização dos já existentes, diminuição das taxas de juros, dentre outros, são apontados como os responsáveis pela performance positiva do gênero mecânica no primeiro quadrimestre deste ano.

Particularmente no que se refere ao segmento de máquinas e implementos agrícolas, a performance ficou aquém do esperado, principalmente nos três primeiros meses do ano. Além da crise do setor orizícola no Estado, desencadeada pelo baixo preço obtido na comercialização do arroz, comprometendo a renda dos produtores, e da estiagem durante a safra de verão, provocando quebra na produção de soja e milho, os negócios ficaram reprimidos em função do anúncio de uma redução na taxa de juros do financiamento para a aquisição de máquinas e implementos agrícolas pelo Finame, no âmbito do Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras. Essa medida concretizou-se no final de março, e a reversão do quadro caracteristicamente desfavorável a partir de abril reconfirma o que já foi salientado em análises anteriores desta revista: "(...) o desempenho desse segmento industrial está intimamente vinculado ao sucesso da safra agrícola e das facilidades de financiamento e crédito" (Passos, Lima, 1999, p.68).

Nos primeiros cinco meses de 2000, conforme dados da Anfavea (Carta Anfavea, 2000a), a produção de máquinas agrícolas automotrizes recuou 0,33% com relação a igual período de 1999, e as vendas para o mercado interno encolheram 5,68% (principalmente tratores de rodas). Apenas as exportações apresentaram crescimento de 27,54% em unidades vendidas e 5,19% em valores monetários. A participação do Rio Grande do Sul nas vendas de tratores reduziu-se de uma média de 13% para 9,6% no período de janeiro a maio de 2000, conforme a Anfavea. Com relação às colheitadeiras, em cuja produção o Estado é particularmente representativo, observou-se um recuo de 0,81% no período. As vendas para o mercado interno experimentaram um pequeno acréscimo,

porém as exportações sofreram um encolhimento significativo: -21,83%, retratando a crise financeira argentina, principal mercado externo desse bem.

Ainda com relação aos gêneros que influenciaram positivamente a formação da taxa global da indústria no primeiro quadrimestre, destaca-se mobiliário (12,93%), que, tal como química, também vem recuperando desempenhos desfavoráveis acumulados nos últimos dois anos. O setor moveleiro gaúcho diferencia-se dos demais pelo seu elevado investimento em *design* e qualificação de mão-de-obra, buscando agregar valor ao produto final. As grandes empresas exportadoras têm procurado, inclusive, colocar seus produtos no Exterior com *design* e marcas próprios, obtendo mais sucesso nos países do Mercosul.

Dentre os gêneros de desempenho desfavorável no primeiro quadrimestre de 2000, destacam-se fumo (-15,06%), bebidas (-1,45%) e vestuário, calçados e artefatos de tecidos (-0,04%).

A queda acentuada na produção de fumo no período em análise é, na realidade, reflexo de uma deliberada redução de área plantada promovida pelas grandes empresas fumageiras, em decorrência da retração dos preços no Exterior, provocada pelo grande aumento da oferta do produto nos últimos anos, superdimensionando os estoques mundiais (Calandro, Campos, 2000). Entretanto, apesar da queda na produção, conforme estimativas do Sindicato das Indústrias do Fumo (Sindifumo), as exportações de fumo em folha beneficiado deverão bater novo recorde nacional, favorecidas pela desvalorização cambial.

Com relação a bebidas, a taxa de crescimento negativa no quadrimestre reflete parcialmente o recuo na produção de vinhos, conforme o IBGE. Porém, também nesse caso, pode ser considerado o efeito estatístico decorrente da base de comparação, uma vez que, no primeiro quadrimestre de 1999, esse gênero apresentou a surpreendente taxa de crescimento acumulada de 45,43% sobre igual período do ano anterior.

O último gênero com desempenho negativo no quadrimestre a ser destacado pela sua importância na matriz produtiva industrial gaúcha é vestuário, calçados e artefatos de tecido. Responsável pela maior parte da produção desse gênero, a indústria calçadista gaúcha é altamente dependente do mercado externo, para onde dirige mais de dois terços de sua produção. Em consequência dessa dependência, essa indústria sofreu acentuadamente os revezes da política de apreciação cambial imposta pelo Plano Real. Assim, a desvalorização da moeda nacional vem repercutindo favoravelmente sobre o desempenho desse setor, principalmente a partir do segundo semestre de 1999, quando os novos contratos de exportação começaram a entrar em vigor. No primeiro quadrimestre de 2000, a exportação de calçados superou em 18,10% a do mesmo período do ano anterior, o equivalente a US\$ 411,1 milhões. A expectativa

da Abicalçados é que o setor feche o ano com um crescimento de 15% sobre o faturamento de US\$ 1,3 bilhão em exportações (Severo, 2000).

Em suma, o desempenho da indústria no primeiro quadrimestre de 2000 foi positivo tanto para a indústria brasileira quanto para a gaúcha, estimulado por condições favoráveis ligadas a melhores condições de crédito, queda nas taxas de juros, preços competitivos decorrentes da desvalorização cambial, aquecimento da demanda interna, redução da incerteza quanto aos rumos da política econômica, dentre outros aspectos. É importante ressaltar, entretanto, que o poder de alavancagem de ambas as economias se centra nas exportações e na expansão da produção de bens duráveis de consumo, cujo crescimento confere dinamismo a toda a matriz produtiva industrial.

Bibliografia

- ARTEFATOS de borracha crescem 39% (2000). **Gazeta Mercantil**, Porto Alegre, p.6, 22 maio. (Caderno Rio Grande do Sul).
- BOLETIM CONJUNTURAL IPEA (2000). Brasília, n.49, abr.
- CALANDRO, Maria Lucrecia, CAMPOS, Silvia H. (2000). O desempenho da indústria em 1999. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v.27, n.4, p.37-58.
- CAMARGO, Gustavo (2000). Crescimento, mesmo baixo, deixa de ser miragem. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.A-4, 12 jun.
- CARTA DA ANFAVEA (2000). São Paulo : ANFAVEA, n.168, maio.
- CARTA DA ANFAVEA (2000a). São Paulo : ANFAVEA, n.169, jun.
- INDÚSTRIA gaúcha cresce 12,71% no ano (2000). **Zero Hora**, Porto Alegre, p.26, 7 jul.
- INTERNATIONAL aumenta produção de caminhões (2000). **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p.8, 24 maio.
- LANZANA, Antônio (2000). Nível de atividade. **Informações FIPE**, São Paulo : FIPE/USP, n.236, p.9-10, maio.
- MATTOS, Adriana (2000). Produção de 150 mil veículos em maio é recorde desde 1998. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p.B-13, 7 jun.

- MINISTÉRIO DA FAZENDA (2000). Secretaria de Política Econômica. Boletim de Acompanhamento Econômico: abr. 2000 [on line] Disponível na Internet via WWW.URL:<http://www.fazenda.gov.br/portugues/orgaos/spe/spe39pdf>. Arquivo capturado em 15 maio.
- MINISTÉRIO DA FAZENDA (2000a). Secretaria de Política Econômica. Boletim de Acompanhamento Econômico: maio/jun. 2000a [on line] Disponível na Internet via WWW.URL:<http://www.fazenda.gov.br/portugues/orgaos/spe/spe39pdf>. Arquivo capturado em 18 jun.
- MONTADORA nova disputa mercado menor (2000). **Folha de São Paulo**, São Paulo, p.B-4, 26 jun.
- PASSOS, Maria Cristina., LIMA, Rubens S. (1999). O desempenho da indústria no primeiro quadrimestre de 1999. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v.27, n.2, p.59-70.
- SALGUEIRO, Sônia (2000). Setor de autopeças avança sobre os importados. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.A-5, 7, 8/9 abr.
- SETOR de eletroeletrônicos fatura 26% (2000). **Zero Hora**, p.28, 23 maio. (Caderno Economia).
- SEVERO, Rivadavia (2000). Indústria gaúcha exporta 20% a mais. **Gazeta Mercantil**, Porto Alegre, p.1, 6 jun. (Caderno Rio Grande do Sul).
- THOMPSON, Fernando (2000). Pequenas terão R\$ 14 bilhões em recursos. **O Estado de São Paulo**, p.B-13, 7 maio.
- VENDA de alimentos cresce; preços caem (2000). **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.A-4, 12 jun.